

# NOTA INTRODUTÓRIA

## HUMANIDADES DIGITAIS: DEBATES E PRÁTICAS NO ENSINO E NA INVESTIGAÇÃO

M. Gold afirmou, em 2012, na sua introdução à obra *Debates in the Digital Humanities*, que estávamos perante o «momento das Humanidades Digitais» (Gold 2012). As diversas publicações que cada vez mais se dedicavam ao tema demonstravam que, como referiu o autor, as Humanidades Digitais (HD) se tinham tornado «the thing». Este momento não perdeu fôlego. Pelo contrário, desde então têm aumentado não só as publicações, mas, sobretudo, os projetos que demonstram que as HD se afirmaram enquanto «critical scholarly resource», tendo o potencial de oferecer abordagens inovadoras, fruto da intersecção entre a tecnologia digital e as Humanidades, contribuindo desse modo para modificar a investigação, o ensino e mesmo a participação do público em geral nos diferentes domínios das Humanidades, numa abordagem mais integrada e abrangente do estudo da cultura e da história humanas.

A própria definição de Humanidades Digitais tem sido alvo de debate nos últimos anos, à medida que a disciplina se foi desenvolvendo. Sobretudo desde 2010, em encontros científicos como os congressos anuais da *Alliance of Digital Humanities Organizations* (ADHO)<sup>1</sup>, realizados desde 1990, ou os eventos do *Digital Humanities Summer Institute*, realizados desde 2001, muitos dos participantes têm não só refletido sobre como definir os limites da disciplina e em que consiste, como também sobre como comunicá-la, de forma sucinta, aos outros<sup>2</sup>. No congresso DH2011, um grupo de investigadores de Londres designou mesmo as HD como uma «big tent» (uma «grande tenda»), que inclui não só outras disciplinas dentro da academia, mas também bibliotecas, museus, arquivos, práticas de património cultural e informação comercial (Warwick et al. 2011). Ou seja, como muitos defendem, mais do que uma «disciplina», as HD podem ser consideradas como «interdisciplina», cruzando várias áreas do saber e do fazer (Nyhan e Flinn 2016)<sup>3</sup>. Entre os domínios conexos incluem-se estudos de *media* e comunicação, ciências sociais digitais, ciências de dados (incluindo a visualização de dados), ciência do património, computação criativa, biblioteconomia e ciência da informação.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://adho.org/conference/>.

<sup>2</sup> Vejam-se os vários volumes que têm sido editados na série *Debates in the Digital Humanities* disponíveis em: <https://dhdebates.gc.cuny.edu/>.

<sup>3</sup> Veja-se também, entre outros, Ramsay 2013, pp. 239-242.

Muitas vezes as HD são olhadas como um método de «fazer coisas». O que não é por acaso, pois esse lado mais prático é uma das suas componentes, que se faz notar em inúmeros projetos que vão surgindo nos diversos campos das Humanidades. Mas ao procurar constituir-se enquanto disciplina, vários dos seus «praticantes» têm procurado teorizar sobre a natureza do conhecimento produzido no âmbito das HD. Basta um olhar rápido para os volumes dos já mencionados *Debates in the Digital Humanities*, para nos percebermos como as HD têm incorporado as preocupações teóricas (e sociais!) que marcam os diferentes campos das HD. Abordando temas como ambiente, raça, género, pós-colonialismo, desigualdade, interseccionalidade, ética, crises, entre outros, os autores procuraram refletir criticamente sobre a relação entre o Humano e o Digital, bem como os desafios que se colocam por uma digitalização que, muitas vezes, agrava as desigualdades que marcam o mundo contemporâneo.

Tal olhar crítico tem permitido que as HD não sejam apenas uma ferramenta para «fazer coisas», mas também para «desfazer coisas», ou seja, para contribuir para uma visão reflexiva sobre a sociedade<sup>4</sup>. Citamos aqui as palavras de Alan Liu que, em 2011, alertou, precisamente, para a necessidade de as HD não deixarem de lado um olhar crítico perante a modernidade que o digital parece prometer:

*Nas humanidades digitais, a crítica cultural — tanto na sua vertente interpretativa quanto na sua vertente de defesa — tem estado notavelmente ausente em comparação com as humanidades tradicionais ou, de forma ainda mais marcante, com os «estudos de novas medias» [...]. Nós, humanistas digitais, desenvolvemos ferramentas, dados, metadados e arquivos de maneira crítica; e também elaboramos posições críticas sobre a natureza desses recursos [...]. Mas raramente estendemos as questões envolvidas para os domínios da sociedade, da economia, da política ou da cultura [...]. Como as humanidades digitais promovem, canalizam ou resistem aos grandes fluxos pós-industriais, neoliberais, corporativistas e globalistas de informação transformada em capital, por exemplo, é uma questão raramente ouvida nas associações, conferências, periódicos e projetos de humanidades digitais com os quais estou familiarizado. Nem mesmo as formas mais clichês dessas questões — por exemplo, «a exclusão digital», «a privacidade», «o direito autoral» e assim por diante — recebem muita atenção (Liu 2011, tradução nossa).*

O dossiê que agora publicamos reúne cinco artigos que, de diferentes maneiras, exploram o potencial das tecnologias digitais para ampliar a investigação, o ensino e a preservação do património, ao mesmo tempo que suscitam reflexões sobre os seus impactos sociais, culturais e pedagógicos.

No artigo de Daniel Marques, a criação de um atlas toponímico digital, baseado nas Inquirições Gerais de 1258, evidencia como os recursos digitais podem renovar

---

<sup>4</sup> A título de exemplo, veja-se Buolamwini 2023.

padrões de investigação histórica, tornando fontes históricas medievais mais acessíveis, quer a académicos quer ao público em geral, e estimulando novos caminhos de análise interdisciplinar. Complementando essa perspectiva, Cátia Teixeira, Sara Dias-Trindade, João França e Sofia Albino demonstram, por meio do projeto do Museu Virtual do Renascimento, como os recursos digitais podem transformar a formação inicial de professores, promovendo aprendizagens significativas, colaborativas e a reflexão crítica sobre práticas educativas. Gislene Souza, Gillian Lima e Flávia Rosa ampliam o olhar para o contexto institucional, analisando a preservação do património documental em universidades brasileiras e destacando os desafios de implementação de políticas arquivísticas que assegurem a preservação da memória e o acesso ao conhecimento. Já Lucas Barros propõe uma reflexão sobre a pirataria digital, examinando o seu potencial político, educacional e emancipatório, e questionando desigualdades no acesso à informação e à cultura digital. Por fim, Tháбата Alvarenga investiga a produção digital do portal *Ensina RTP*, discutindo como ambientes educativos *online* contribuem para a literacia digital e para a construção de uma consciência histórica comprometida com pluralidade cultural e justiça social, ao mesmo tempo em que revelam tensões entre inovação e tradições historiográficas.

Em conjunto, estes textos ilustram como as Humanidades Digitais não se limitam à criação de ferramentas ou arquivos, mas se configuram como um espaço crítico e reflexivo, no qual metodologias digitais, educação e consciência social se encontram, ampliando possibilidades de investigação, de ensino e de participação cultural.

## BIBLIOGRAFIA

- BUOLAMWINI, J., 2023. *Unmasking AI: My Mission to Protect What Is Human in a World of Machines*. New York: Random House.
- GOLD, M. K., 2012. Introduction. The Digital Humanities Moment. Em: M. K. GOLD, ed. *Debates in the Digital Humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press, pp. IX-XVI.
- LIU, A., 2011. "Where is Cultural Criticism in the Digital Humanities?" [Em linha] [consult. 2025-10-29]. Disponível em: <https://liu.english.ucsb.edu/where-is-cultural-criticism-in-the-digital-humanities/>.
- NYHAN, J., e A. FLINN, 2016. Introduction. Em: J. NYHAN, e A. FLINN. *Computation and the Humanities*, pp. 1-19. Gewerbestrasse, Cham: Springer. Springer Series on Cultural Computing.
- RAMSAY, S., 2013. Who's In and Who's Out. Em: M. TERRAS, J. NYHAN, e E. VANHOUTTE, eds. *Defining Digital Humanities: A reader*. Surrey/Burlington: Ashgate Publishing, pp. 239-242.
- WARWICK, C., et al., 2011. UCLDH: Big Tent Digital Humanities in Practice. Em: *Digital Humanities 2011. Conference Abstracts*. Stanford, CA, EUA: Stanford University Library, pp. 387-389.

Hugo Ribeiro da Silva  
Sara Dias-Trindade